



Revista *aSEPHallus* de Orientação Lacaniana  
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo  
ISSN 1809 - 709 X

## **Premissas e princípios norteadores das práticas com grupos no campo da psicanálise: uma revisão da literatura**

### **Suely Alencar Rocha de Holanda**

Psicanalista  
Doutora em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
da Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Professora do Departamento de Psicologia da UFRN  
E-mail: [suely.holanda.prof@gmail.com](mailto:suely.holanda.prof@gmail.com)

### **Elza Maria do Socorro Dutra**

Psicóloga  
Doutora em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do  
Instituto de Psicologia da USP  
Professora Titular do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRN  
Coordenadora do GT ANPEPP – Psicologia & Fenomenologia.  
E-mail: [elzadutra.rn@gmail.com](mailto:elzadutra.rn@gmail.com)

### **Cynthia Pereira de Medeiros**

Psicanalista  
Doutora em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação - USP  
Professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRN  
Membro do GT ANPEPP – Psicanálise e Educação.  
E-mail: [cynthiapmedeiros@gmail.com](mailto:cynthiapmedeiros@gmail.com)

### **Cynara Teixeira Ribeiro**

Psicóloga  
Doutora em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia  
Professora do Centro de Educação da UFRN  
Membro do GT ANPEPP – Dispositivos Clínicos em Saúde Mental  
E-mail: [cynara\\_ribeiro@yahoo.com.br](mailto:cynara_ribeiro@yahoo.com.br)

---

## **Resumo**

Este trabalho insere-se no campo da psicanálise freudo-lacaniana e trata da prática analítica com grupos, a partir de uma experiência de escuta em grupo a professores, realizada no período de 2007 a 2009, e de uma revisão da literatura acerca das práticas com grupos no campo da psicanálise. Considera as contribuições de Freud, dos principais autores pós-freudianos, de Lacan, e de alguns autores de orientação lacaniana. Para acessar a produção mais recente, foram realizadas buscas no portal de periódicos e no banco de teses da Capes. Recursos de busca adicionais, tais como o Google Acadêmico e sumários de periódicos analíticos on-line, permitiram recuperar outras produções relevantes. A literatura analisada indicou, de um lado, que os efeitos imaginários inerentes à formação de grupos configurariam um obstáculo ao trabalho analítico. De outro, apontou para a possibilidade de invenção particular no contexto de uma escuta em pequenos grupos, orientada analiticamente, o que seria consequência da formação do praticante.

**Palavras-chave:** escuta em contexto de grupo; psicanálise aplicada; princípios da psicanálise; formação do analista.

---

## **Assumptions and guidelines for group practices in the field of psychoanalysis: a literature review**

This work is inserted in the field of Freud and Lacan's psychoanalysis and addresses the analytic practice with groups based on a listening experience with a group of teachers, held from 2007 to 2009, and a literature review about practices with groups in the field of psychoanalysis. Several theoretical contributions are considered such as, Freud's, some of the major post-Freudian authors, Lacan and some authors of his orientation. To access the latest production, searches were conducted in the Capes's journals website and in the theses database. Additional search features, such as Google Scholar and summaries of analytical periodicals online, enabled the recovery of other relevant productions. On the one hand, the literature review indicated that the imaginary effects inherent in the formation of groups would stand as an obstacle to analytic work. On

the other, it pointed to the possibility of particular invention in the context of listening in analytically oriented, small groups, which would be a result of the formation of the analyst.

**Keywords:** listening in a group setting; applied psychoanalysis; principles of psychoanalysis; formation of the psychoanalyst.

---

### **Hypothèses et principes directeurs des pratiques avec des groupes dans le domaine de la psychanalyse: une révision de la littérature**

Ce travail est inséré dans le champ de la psychanalyse freudienne et lacanienne et traite de la pratique analytique avec des groupes à partir d'une expérience d'écoute à un groupe d'enseignants, réalisée entre 2007 et 2009, et d'une révision de la littérature sur les pratiques avec des groupes dans le champ de la psychanalyse, compte tenu des contributions de Freud, certains des principaux auteurs post-freudiens, Lacan et certains auteurs d'orientation lacanienne. Pour accéder à la production plus récentes, des recherches ont été faites dans les portails web de périodiques et la base de données de thèses de la Capes. D'autres outils de recherche, tels que Google Scholar et des résumés analytiques de périodiques en ligne, a permis la récupération d'autres productions pertinentes. D'une part, cette recherche a indiqué que les effets imaginaires inhérents à la formation de groupes configureraient un obstacle au travail analytique. D'autre part, elle a souligné la possibilité d'invention particulière dans le contexte de l'écoute en petits groupes, analytiquement orientée, ce qui serait un résultat de la formation du praticien.

**Mots-clés:** écoute dans un contexte de groupe; psychanalyse appliquée; principes de la psychanalyse; formation de l'analyste.

### **Premissas e princípios norteadores das práticas com grupos no campo da psicanálise: uma revisão da literatura**

*Suely Alencar Rocha de Holanda; Elza Maria do Socorro Dutra; Cynthia Pereira de Medeiros & Cynara Teixeira Ribeiro*

O presente trabalho, inserido no campo da psicanálise numa perspectiva freudo-lacaniana, trata da prática analítica com grupos, cujo interesse provém de uma experiência de escuta em grupo a professores do Núcleo de Educação da Infância (NEI-CAP) da UFRN, realizada no período de 2007 a 2009.

Após uma escuta preliminar junto à equipe da escola (professores, coordenação pedagógica e gestores) com o objetivo de esclarecer a demanda, vislumbramos um espaço de trabalho em que se articulariam intervenção e investigação. Decidimos assumir a realização das atividades envolvidas formalizando uma proposta de extensão, com o objetivo principal de promover condições para o esclarecimento e a superação de questões subjetivas que dificultavam suas atividades de educadores.

O trabalho começou em fevereiro de 2007 mediante as seguintes condições: a participação dos professores se daria por adesão voluntária, a cada vez estando aberta a quem quisesse se inserir; os encontros teriam duração aproximada de uma hora e meia e ali falariam do que lhes ocorresse no momento.

De início, as participações eram pontuadas por depoimentos acerca da diferença entre o que esperavam e o que estavam encontrando ali. Imaginavam que ao relatarem os problemas enfrentados no trabalho cotidiano em sala de aula com as crianças, nós lhes traríamos respostas, apresentaríamos soluções. Mas, ao invés disso, nós lhes fazíamos questões. No entanto, diziam-se

surpreendidos ao perceberem que essas questões os faziam pensar e, sem que soubessem ao certo como, depois conseguiam encontrar por si mesmos as soluções. Essa constatação, reiterada sucessivas vezes ao longo do trabalho, resultou na produção de uma demanda mais advertida acerca da implicação de cada um deles no trabalho realizado conosco.

Ao longo desse percurso fomos recolhendo alguns efeitos singulares da escuta para coordenadores e professores, no sentido de um alívio progressivo da angústia frente às dificuldades encontradas no cotidiano escolar, bem como a criação de novas saídas para os impasses que lhes dificultavam ou impediam, de modo pontual, o desenvolvimento de suas atividades. Deparamo-nos, ainda, em seus relatos, com indicações de avanços por parte de algumas crianças, seja no sentido de estarem mais inseridas no grupo, participando mais efetivamente nas atividades, ou nelas se engajando de modo mais produtivo.

A realização dessa experiência configurou-se como ponto de partida para uma revisão acerca do tema das práticas com grupos no campo da psicanálise, considerando as contribuições de Freud, dos principais autores pós-freudianos que abordaram a temática, de Lacan e de alguns autores de orientação lacaniana que tratam da temática. Para acessar a produção mais recente, foram realizadas buscas junto ao portal de periódicos e ao banco de teses da Capes. Como recursos suplementares, realizaram-se buscas junto ao Google Acadêmico, bem como aos sumários de periódicos nacionais do campo psicanalítico.

### **Contribuições de Freud ao tema dos grupos**

Na abertura de “Psicologia das massas e análise do eu”, encontra-se a afirmação de que a oposição entre a psicologia individual e a psicologia social ou das massas não resistiria a uma consideração mais aprofundada. O argumento de Freud é de que “na vida psíquica do indivíduo, o outro conta, com total regularidade, como modelo, como objeto, como auxiliar e como inimigo, e por isso, desde o começo mesmo, a psicologia individual é simultaneamente psicologia social neste sentido mais lato, mas inteiramente legítimo” (Freud, 1921/2011, p. 67).

Portanto, o tratamento dessa relação com o outro seria inerente ao trabalho analítico. Mas seu interesse ao abordar o tema dos grupos diz respeito ao campo da psicanálise, o que fica evidente quando adverte que naquele seu trabalho, em relação ao vasto campo da psicologia dos grupos, “se abordam somente algumas questões, pelas quais, a investigação do profundo, própria da psicanálise, se interessa em particular” (Freud, 1921/2011, p. 68).

Nos vários textos em que trata da relação do indivíduo com a sociedade, principalmente em “O mal-estar na cultura”, Freud (1930/2001) destaca a exigência de renúncia à satisfação de impulsos libidinais pelo indivíduo como condição fundamental para a existência da cultura. Ele localiza aí, nessa exigência que a cultura faz aos indivíduos, uma das principais fontes do mal-estar experimentado por cada um, como impossibilidade de alcançar uma felicidade concebida como plenitude. Esse conflito entre o indivíduo e a sociedade seria insolúvel, pois, se ele não pode

prescindir dela como condição de sua existência, a sobrevivência dela, por sua vez, depende desse desvio de investimento que os indivíduos lhe fazem. Uma das consequências dessa concepção para uma consideração sobre os grupos seria a hipótese de que, na pertinência aos grupos, o indivíduo encontraria uma poderosa satisfação substitutiva como compensação para aquela a que renuncia como condição de sua inserção na cultura.

Isso aparece mais explicitado quando Freud (1921/2001) discute o efeito hipnótico do líder sobre as massas, reconhecendo ali o efeito da sugestão. No entanto, ele se recusa a considerá-lo um fenômeno primário e interroga as condições de sua produção. Freud argumenta sobre a importância da identificação como processo formador da função do eu, localizando nesse processo os efeitos poderosos de coesão em algumas formações de grupo, dentre os quais ele toma como exemplos paradigmáticos a Igreja e o Exército. Localiza na identificação a um traço comum, colocado no lugar do Ideal do Eu, o mecanismo que responderia pela consistência do grupo ao oferecer um poderoso meio de satisfação substitutiva para seus membros. Uma decorrência desse processo de constituição de um grupo a partir da identificação é o investimento desse traço comum no qual os membros do grupo se reconhecem como iguais, negando ou minimizando as diferenças internas, ao mesmo passo em que as pequenas diferenças em relação a outros grupos passam a ser sobrevalorizadas. Esse mecanismo, que Freud nomeia como narcisismo das pequenas diferenças, dá consistência imaginária ao grupo promovendo uma ilusão de completude, mas também é o que responde por sua tendência à dissolução na medida em que dá lugar a uma tensão competitiva, uma disputa pelo amor do líder instituído no lugar de Ideal.

Portanto, dessas considerações freudianas extraímos a consequência de que esses efeitos ilusórios da pertinência a um grupo constituído em torno de um líder, que levam cada um de seus integrantes a agir em nome do Ideal, seriam, por princípio, antinômicos em relação ao trabalho analítico, na medida em que este promove a responsabilização do analisando por seus atos, por seu desejo, num processo que, em grande medida, implica uma queda dos ideais e uma perda de ilusões.

As condições que delimitariam a situação analítica, referidas à relação entre analista e paciente, implicam, por princípio, uma restrição à psicanálise de grupos. Embora não se encontre explicitada nos escritos freudianos uma oposição direta à prática analítica com grupos, Kaës (1997) afirma que em mais de uma ocasião Freud teria se posicionado contra a extensão da psicanálise ao tratamento de grupos de doentes.

### **Analistas pós-freudianos e práticas com grupos**

No horizonte pós-freudiano da psicanálise, no entanto, podemos afirmar que a prática analítica com grupos se constitui como uma espécie de divisor de águas a partir dos anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial.

O eixo a partir do qual essa divisão se descortina pode ser situado na experiência inaugural de Wilfred Bion, desenvolvida no âmbito de um serviço de reabilitação de um hospital psiquiátrico militar na Inglaterra, nos anos 1940, durante e após a Segunda Grande Guerra. Essa experiência encontra-se relatada pelo próprio Bion (1961/1975) em seu livro *Experiências com grupos*, no qual ele apresenta ideias originais sobre a dinâmica dos grupos, introduzindo uma série de conceitos que trouxeram uma compreensão nova sobre os fenômenos grupais. Tomando como ponto de partida a proposição inicial de que o grupo seria essencial para a realização da vida mental de um homem, sua invenção consiste na proposição de normas de funcionamento para aquela unidade hospitalar baseadas na criação de pequenos grupos voltados para atividades diversas, as quais os internos deveriam aderir por escolha. Ele assume a função de mediação dos trabalhos dos grupos que efetivamente se formaram e, a partir da leitura posterior dessa experiência, formula alguns conceitos que constituem sua teoria psicanalítica dos grupos. Dentre esses, destacamos o conceito de *mentalidade de grupo*, que define como a expressão unânime da vontade do grupo à qual o indivíduo contribui de forma anônima e inconsciente mediante uma suposição tácita, uma afirmação que dá significação ao comportamento do grupo como um todo. Ocorre que essa mentalidade de grupo impõe frustrações ao indivíduo, pois os grupos tendem a negar certos desejos satisfazendo outros. Decorre daí um segundo conceito, a *cultura de grupo*, que seria decorrente do conflito entre os desejos do indivíduo e a mentalidade de grupo.

Nos anos 1950, na Argentina, com o psiquiatra e psicanalista Pichon-Rivière, surge outra vertente da prática analítica com grupos. Trabalhando no hospital de Las Mercedes, em Buenos Aires, frente a uma greve de enfermeiras, ele decide convocar os pacientes menos comprometidos para cuidarem daqueles mais gravemente acometidos. A experiência resulta em melhoras significativas em ambos os grupos de pacientes, levando-o a procurar explicação para o fenômeno. Sistematiza a Técnica de Grupos-operativos e a fundamenta a partir das contribuições da psicologia da Gestalt. Como resultado, Pichon-Rivière elabora a *Teoria do Vínculo* e funda uma escola de Psicologia Social (Bastos, 2010; Castanho, 2012; Pereira, 2013). A repercussão de suas contribuições pode ser verificada facilmente por meio de busca no site Google Acadêmico, onde se recuperam mais de quatro mil referências.

A partir dos anos 1960, na França, D. Anzieu e R. Kaës, inspirados principalmente nas contribuições teóricas e práticas de Bion, dedicam-se ao trabalho investigativo e terapêutico com pequenos grupos. Esses autores procuram aplicar e adaptar conceitos psicanalíticos à prática com grupos, propondo elementos para uma teoria psicanalítica dos grupos como fundamento para a *Psicanálise de grupo*. Juntos, eles respondem pela quase totalidade da fundamentação teórica do que se pratica como *Psicoterapia psicanalítica de grupo*, *Grupoanálise* e outras variações.

A teoria de Melanie Klein, que toma a segunda tópica freudiana como ponto de partida e privilegia os chamados estágios pré-edipianos da organização psíquica numa proliferação de versões fantasmáticas, é a referência de que se serve Anzieu (1993) para demonstrar que o grupo tem uma

constituição imaginária análoga à do psiquismo individual. Nesse sentido, ele propõe uma analogia com a instância do ego em seu esforço para englobar o psiquismo, afirmando que o grupo opera de modo similar, configurando-se como um envelope vivo, uma membrana com um lado voltado para o interior do grupo e outro voltado para outros grupos. Na sequência de tais argumentos ele atribui ao grupo um *Si-mesmo imaginário* como fundamento da vida imaginária dos grupos, o continente no interior do qual se ativa uma circulação fantasmática e de identificações entre seus membros. Ao sustentar uma homologia entre a vida anímica individual e grupal, propõe que, assim como no sonho, o que se realiza no grupo é um desejo reprimido da infância. O autor recorre ainda a Lacan, especialmente à teoria do estágio do espelho como formador da função do eu, para abordar a ideia do grupo como uma ameaça primária para o indivíduo. Anzieu afirma que o indivíduo experimenta no grupo um risco de perder a própria unidade imaginária, o eu, mediante uma fragmentação entre tantas demandas diferentes. A resposta para essa ameaça seria a produção de uma ilusão grupal, que proviria da substituição do *ego ideal* de cada um por um *ego ideal comum*. Para ele, portanto, o efeito do grupo sobre os indivíduos que a ele pertencem constitui-se como dificuldade a ser contornada no próprio grupo e não faz obstáculo ao trabalho analítico com grupos.

Por sua vez, Kaës (1997) localiza sua própria contribuição à psicanálise de grupos numa parceria com Anzieu. Seguindo uma linha de argumentação que concebe o grupo como uma entidade psíquica regida por determinações e processos próprios, ele propõe a noção de *grupalidade psíquica* para designar formações e processos intrapsíquicos ordenados por uma estrutura de grupo cujo protótipo seria a fantasia. Sua principal contribuição teórica, no entanto, é o modelo do *aparelho psíquico grupal*, com o qual propõe explicar a realidade psíquica própria do grupo; os efeitos do agrupamento sobre a formação do sujeito singular como sujeito do inconsciente e sujeito do grupo; as relações de apoio em comum e de estruturação recíproca do aparelho psíquico individual e do aparelho grupal. Esse aparelho psíquico grupal diz respeito à construção psíquica comum que os membros fazem ao constituir um grupo. Essa construção se faria a partir dos organizadores psíquicos do grupo, formações inconscientes que responderiam pelo desenvolvimento dos vínculos de agrupamento.

Por conseguinte, Anzieu e Kaës partem da premissa de que o grupo se constitui como uma realidade psíquica própria, propondo uma homologia entre o funcionamento do grupo e o do psiquismo individual, o que lhes serve de justificativa para a aplicação e a adaptação dos conceitos e da técnica psicanalítica a uma prática psicoterápica com grupos. Portanto, para esses autores, o tema dos fundamentos teóricos e éticos de uma escuta analítica em grupo não se coloca como questão.

### **Contribuições de Lacan sobre as práticas com grupos**

As repercussões da experiência de Bion na trajetória de Lacan contrastam fortemente com o que vimos nos autores comentados mais acima. Sua reação inicial transparece um entusiasmo que

se encontra registrado no texto "A psiquiatria inglesa e a guerra" (Lacan, 1947/2003), no qual discorre sobre uma viagem que fez a Londres em setembro de 1945, logo após o final da segunda grande guerra. Ali, comenta um artigo publicado dois anos antes por Bion e Rickman, onde eles relatam as atividades desenvolvidas no hospital militar, referidas anteriormente. Lacan afirma que esse trabalho tem para ele o valor de uma demonstração de método, pois nele reencontra "a impressão de milagre dos primeiros avanços freudianos: encontrar no próprio impasse da situação a força viva da intervenção" (Lacan, 1947/2003, p. 113).

Duas décadas mais tarde, no texto institucional "Ato de fundação" (Lacan, 1964/2003), frente à questão dos critérios de inserção de novos membros em sua Escola, Lacan cria um dispositivo chamado *cartel*. Trata-se de um pequeno grupo composto por três a cinco pessoas que escolheriam mais um, que se encarregaria da seleção, da discussão e do destino do trabalho a ser feito por cada componente. Esse grupo teria prazo determinado para o trabalho, depois do qual os componentes seriam convidados a mudar de grupo.

Vale destacar que nessa proposição do *cartel* está em jogo a invenção de condições que visam viabilizar a produção e a responsabilização de cada um na realização da tarefa com o grupo. Apesar de na invenção do cartel se vislumbrar uma inspiração do grupo de trabalho postulado por Bion, o dispositivo de grupo inventado por Lacan propõe-se à transmissão da psicanálise, ao funcionamento da Escola fundada por ele, não lhe sendo designada nenhuma função relativa à prática clínica. Nesse sentido, o destino dado por Lacan ao que extrai da experiência de Bion opõe-se nitidamente ao desdobramento protagonizado por Anzieu e Kâes.

Mais tardiamente, em "O aturrito" (Lacan, 1973/2003), escrito no âmbito do que se convencionou hoje como seu último ensino, Lacan afirma que "é impossível aos psicanalistas formarem um grupo" (Lacan, 1973/2003, p. 475), o que explicaria a dificuldade de sua própria empreitada de desbravar o estatuto do discurso psicanalítico. Em seguida, ele modula esse comentário ao fazer a observação de que, historicamente, "foi a entrada em jogo do discurso analítico que abriu caminho para as práticas ditas de grupo (...). Não há nisso nenhuma objeção à prática dita de grupo, desde que ela seja bem indicada (o que é pouco)" (Lacan, 1973/2003, p. 476). Quanto ao impossível em jogo no grupo psicanalítico, Lacan denuncia, ironicamente, que a obscenidade vivida como um grupo seria aquilo que preserva a IPA - numa alusão aos dois grupos artificiais, a Igreja e o Exército, isolados por Freud em "Psicologia das massas e análise do eu" (Freud, 1921/2011). Esse efeito é o que ele tenta proscrever de sua Escola.

Nesse ponto, julgamos ser possível afirmar que, assim como Freud, Lacan via com ressalvas a possibilidade do trabalho analítico com grupos, principalmente devido aos efeitos contra analíticos, efeitos imaginários que tendem a emprestar consistência ao Outro, ratificando a posição alienada do sujeito.

No entanto, segundo Barros (2007), a experiência de Bion com os pequenos grupos de trabalho questiona se, num pequeno grupo sem a figura do líder, seria possível certo

ultrapassamento desses efeitos indesejáveis de modo a preservar a singularidade de seus membros. O autor discute a importância da experiência de Bion para Lacan, tendo como referência o texto “Psicologia das massas e análise do eu” (Freud, 1921/2011), no trecho em que Freud trata dos grupos artificiais, exemplificados pelo Exército e pela Igreja. Barros retoma a concepção freudiana sobre os grupos como uma organização em que operam forças cruzadas – uma relação vertical com o chefe, ou líder, e uma relação horizontal entre irmãos, ou pares, companheiros. A articulação entre estes dois eixos promove uma tensão que possibilita a manutenção do grupo. Para esse autor, a aposta de Bion na dimensão horizontal dos pequenos grupos no contexto de uma Inglaterra bombardeada, destruída e sem a figura de um líder que garantisse a coesão da massa, configurando uma ameaça de dispersão, teria inspirado Lacan à criação posterior do dispositivo do *cartel*, ao fundar sua escola. Para nós, o ponto mais interessante dessa argumentação é a observação que o autor faz acerca do regulamento criado por Bion para aquele serviço militar, apontando que se trata de um regulamento furado em sua lógica, pois cada regra começa com o *para todos* que expressa a obrigatoriedade militar, mas logo inclui uma modulação mediante a introdução de uma consideração pela dimensão neurótica ali em jogo. É nesse modo de contemplar a singularidade, furando a lógica do universal, que Barros situa a importância dada por Lacan à prática de Bion. O autor formula ainda uma questão que, segundo supõe, teria interessado tanto a Bion quanto a Lacan: “será que é possível pensar em pequenos grupos que teriam a tarefa de preservar singularidades?” (Barros, 2007). Essa questão faz eco às que nos foram suscitadas no âmbito da experiência de escuta em grupo aos professores, ponto do qual partimos.

Julgamos que essa questão delimita de modo preciso o que se encontra em jogo para os analistas que se arriscam na invenção de dispositivos de escuta em grupo de orientação psicanalítica, ou seja, sem abrir mão dos princípios e da ética da psicanálise.

### **Literatura atual sobre psicanálise e práticas com grupos**

A literatura mais recente recuperada revelou, de um lado, uma quantidade significativa de artigos, teses e dissertações tratando de temáticas relativas à psicanálise grupal, filiados às concepções de Anzieu, Kaës e Pichon-Rivière; e de outro, alguns trabalhos de orientação lacaniana, em que a prática com grupos se sustenta a partir das contribuições de Lacan acerca da função do analista.

A busca no portal de periódicos com a utilização dos descritores “psicanálise” e “grupos” resultou em 59 (cinquenta e nove) artigos, dos quais 9 (nove) foram prontamente descartados, por tratarem de questões não relacionadas a nossa temática. Dos demais 50 (cinquenta) trabalhos, uma leitura dos resumos revelou que 47 (quarenta e sete) deles abordam temas relacionados à “Psicoterapia psicanalítica de grupo”, “Grupanálise”, e à “Técnica de grupos-operativos”, campo de práticas baseado nas concepções de grupo de Anzieu, Kaës e Pichon-Rivière, portanto em uma perspectiva teórica e clínica distinta da que fundamenta este trabalho.



Uma modalidade do grupo operativo, o grupo de reflexão se constitui em torno de uma tarefa e, embora não tenha objetivo psicoterápico, pode produzir efeitos dessa ordem. Tem por meta a aprendizagem a partir da vivência grupal, sendo largamente utilizados em contextos de formação profissional. No entanto, a flexibilidade quanto ao tema, que não se determina de antemão, o aproxima do funcionamento de grupos com finalidades clínicas (Emílio, 2010; Franco & Volpe, 2011).

Essa modalidade do grupo operativo tem sido explorada em algumas práticas com grupos orientadas pela psicanálise. Nesta perspectiva, situam-se dois dos três artigos restantes daquela busca, os quais discutem as possibilidades da presença do analista e da psicanálise fora do espaço de um consultório, mas também fora do enquadre de um tratamento. Eles versam sobre experiências de pesquisa sob o modelo de pesquisa-intervenção, desenvolvido por um grupo de pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRJ. Ambos os trabalhos se originam das experiências de pesquisa-intervenção realizadas pelas autoras, "cujo objetivo é pensar os grupos de reflexão como uma forma de intervenção clínica, pautada por pressupostos da psicanálise, junto aos adolescentes" (Coutinho & Rocha, 2007, p. 71).

No primeiro artigo, Coutinho e Rocha (2007) discutem o manejo da transferência em um trabalho realizado numa escola pública de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro. Assinalam que caberia ao analista apenas garantir um lugar de alteridade para que as questões surgidas no grupo não sejam fechadas por um saber prévio. Ao contrário, elas poderiam ser desdobradas, arejadas, possibilitando ao grupo a construção de suas próprias respostas, através de um saber construído de forma compartilhada. Nesse sentido, estes autores afirmam que a psicanálise comparece operando aberturas e fechamentos, fazendo circular os sentidos, viabilizando uma intervenção clínica que não coincide com uma análise em sentido estrito.

No segundo artigo, Besset, Cohen, Coutinho e Rubim (2007) trazem considerações sobre o desafio que a contemporaneidade coloca para o analista no sentido de inventar novas formas de intervenção, sem perder a especificidade de sua ética. Com base na referência à formulação de Lacan de que o analista se define em função de um lugar em um discurso, lugar que não se confunde mais com coordenadas geográficas nem imaginárias, os autores supõem que um psicanalista pode estar presente em diversos contextos onde é convocado a trabalhar, respondendo às demandas do seu tempo.

O terceiro artigo aborda o tema da rivalidade entre as escolas francesa e inglesa de psicanálise, associando-a ao conflito dominante nas relações entre os dois países e questionando os limites dessa "guerra". O autor evoca o encontro de Lacan com os trabalhos com grupos da escola inglesa, em especial de Bion, e sua posterior invenção do dispositivo do cartel, para argumentar a favor de uma aproximação entre as psicanálises francesa e inglesa. Por fim, ele interroga a possibilidade de utilização das contribuições de Lacan, obtidas a partir da estruturação de cartéis, para o trabalho terapêutico com grupos, inaugurado por Bion (Mantovani, 2006).

Para a busca junto ao banco de teses da CAPES, além dos descritores “psicanálise” e “grupos”, optamos por introduzir um terceiro, “Lacan”, como forma de refinar a pesquisa, descartando de antemão os trabalhos fundados em outras referências teórico-metodológicas que não a da psicanálise lacaniana.

Essa nova busca resultou em 27 (vinte e sete) trabalhos, dos quais 21 (vinte e um) não abordavam a questão da prática com grupos. Dos seis trabalhos restantes, verificamos que em três deles a temática dos grupos aparecia incidentalmente. Um deles (Lacet, 2004) trata de uma questão específica da prática clínica com psicóticos e se serve da ideia lacaniana de escrita inconsciente para pensar sua incidência naquela clínica. Portanto, apesar de algumas atividades relatadas se darem em grupos, a autora não aborda a questão dos grupos ou da escuta analítica em grupo. No segundo trabalho (VEIGA, 2005), embora trate de trabalho realizado com um grupo, a autora o faz a partir da perspectiva teórico-metodológica da psicossociologia francesa, baseada na obra de Enriquez. A psicanálise entra apenas de forma secundária, através de uma referência ao texto freudiano “O mal-estar na civilização”. Já no terceiro (Medeiros, 2003), trata-se de investigar a prática de psicólogos que trabalham sob orientação da psicanálise lacaniana na rede de saúde pública em Natal, RN, a partir de entrevistas feitas com os mesmos. A autora advoga que os profissionais investigados precisariam criar novas modalidades de intervenção que contemplem a dimensão coletiva sem perder o rigor ético, mas não investiga os fundamentos de tais modalidades. Portanto, não contribui para um debate sobre a prática analítica em extensão e, menos ainda, para uma discussão da prática analítica com grupos.

Outras duas dissertações têm por temática a prática analítica em instituições e contribuem com o debate sobre a psicanálise aplicada ou psicanálise em extensão. No primeiro desses trabalhos (Oliveira, 2000), a autora discute os impasses e as possibilidades encontradas em sua inserção como analista numa clínica-escola de fonoaudiologia, tecendo uma consideração apenas tangencial acerca das formações de grupos e do laço social a partir de uma revisão dos textos freudianos que tratam do social e da relação entre o eu e o grupo, bem como das contribuições de Lacan sobre a relação do sujeito ao Outro do significante e sobre sua abordagem do laço social a partir do conceito de discurso como estrutura sem palavras. A segunda dissertação (Fernandes, 2008) interroga o lugar da psicanálise em extensão, explorando seus limites e possibilidades e abordando-o pelo viés da transferência, mediante uma revisão teórica do conceito nas obras de Freud e Lacan. A autora inclui uma discussão sobre a questão do mal-estar na cultura e sua incidência na organização libidinal dos grupos, tomando as contribuições de Freud sobre a relação do indivíduo com o coletivo a partir do mecanismo de identificação em suas diferentes formas. Neste sentido, esse trabalho converge com as conclusões que extraímos anteriormente a partir da leitura de alguns textos de Freud.

Finalmente, o último trabalho dessa seleta (Pessoa, 2008) trata de uma reflexão sobre grupos a partir de uma investigação sobre o uso do cartel fora da instituição psicanalítica, no caso, no contexto de um centro educacional na cidade de São Paulo, com a participação de jovens entre

11 e 14 anos. Para discutir essa experiência, a autora estuda o conceito de grupo e de outras formações coletivas, numa visão psicanalítica, recorrendo a obra de Freud, Anzieu e outros analistas. A seguir, ela analisa três diferentes propostas de trabalhos com grupos formados para a execução de um trabalho – os grupos operativos, de Pichon-Rivière; os grupos de suposição básica e de trabalho, de Bion; e o cartel, de Lacan – investigando o funcionamento, o papel da autoridade e os objetivos perseguidos em cada um. Embora não se proponha uma investigação sobre a prática da escuta analítica em grupo, visto que seu interesse é pelos grupos formados com o objetivo de um trabalho, avança bastante na delimitação das diferenças entre os três autores, tanto na concepção teórica sobre os grupos, como em sua utilização no campo da psicanálise. Após discutir sua própria experiência com a proposição de cartéis entre adolescentes como modo de encaminhar algumas demandas de saber, a autora discorre ainda sobre a dificuldade de implantação desse dispositivo no interior mesmo das instituições psicanalíticas herdeiras do ensino de Lacan. Seu trabalho explora as possibilidades de uso do dispositivo do cartel, sugerindo como direção possível para o trabalho com grupos numa perspectiva lacaniana o engajamento com um trabalho por tempo determinado e comprometido com uma produção de cada membro. Contribui, assim, para a delimitação do campo de inserção do nosso trabalho, embora não trate da questão da escuta analítica no contexto de grupo.

Dada a exiguidade de trabalhos recuperados, em especial no campo lacaniano, o recurso a outros mecanismos de busca – Google Acadêmico e sumários de periódicos nacionais do campo psicanalítico – permitiu acessar produções adicionais, nas quais se encontram perspectivas mais promissoras para a prática com grupos de orientação analítica.

Nesse sentido, Baio (1999) relata a experiência da instituição Antene 110, em Bruxelas, fundada por Antonio de Ciaccia em 1974, visando o acolhimento de crianças psicóticas ou com graves perturbações da personalidade. Este, movido pelo saber de que cabe ao psicótico construir seu próprio saber, sustenta junto à equipe com que trabalha uma posição de não saber. Em decorrência desta posição, inaugura-se ali um modo singular de trabalho em instituição que torna operatório o saber não saber, permitindo a construção de um saber pela própria criança psicótica ou autista.

Essa direção de trabalho, que segundo Baio (1999) teria sido nomeada por Jacques-Alain Miller como *prática entre vários*, tem orientado a inserção de analistas em contextos institucionais voltados para o tratamento de psicóticos e autistas. A experiência realizada no Núcleo de Atenção Intensiva à Criança Autista e Psicótica (NAICAP) do Instituto Pinel, no Rio de Janeiro, mostra o modo como essa orientação de *saber não saber* pode se efetivar. Nessa perspectiva, a construção de atividades como *oficinas* e *espaço de convivência* se estrutura a partir do que cada criança aponta em sua particularidade. A hipótese é a de que “as crianças autistas e psicóticas realizam um trabalho para tratar o seu Outro sem lei” (Ribeiro, 2005, p. 102). Trata-se, portanto, de que a criança possa encontrar parceiros para a realização desse trabalho, que implica na construção de seu próprio saber.

Em outra perspectiva, Reis e Vieira (2011) apresentam a experiência do *Digaí-Maré*, que “é um projeto de Psicanálise aplicada que se alinha à orientação política da *Associação Mundial de Psicanálise*”, fundado em 2005 por um grupo de analistas da Escola Brasileira de Psicanálise. Essa orientação aponta para uma maior conexão do analista com a cidade, “buscando novas formas de tornar a psicanálise sensível às diferentes formas de segregação”. Assim, contando com psicólogos clínicos, estagiários de graduação em psicologia e supervisores, o projeto consiste na oferta de atendimento clínico gratuito orientado pelos princípios psicanalíticos, realizado em pequenos grupos. O formato proposto para esses atendimentos adota a estrutura e se inspira no funcionamento do dispositivo do *cartel*, inventado por Lacan, conforme comentamos anteriormente. Cada grupo é formado por um clínico e quatro pacientes, reunidos por determinada faixa etária, e pode durar de seis meses a um ano. Se, ao final, alguém precisa seguir em atendimento é encaminhado para outro grupo. Nesse trabalho de atendimento em pequenos grupos, mais extensamente discutido e fundamentado por Holck e Vieira (2008), a função do *mais um* do cartel orienta a posição assumida pelo clínico, possibilitando que cada paciente se sirva da produção dos demais para inventar uma solução particular ao que se lhe configura como impasse. A experiência revela-se inovadora ao realizar uma escuta clínica apoiada na estrutura do cartel, dispositivo originalmente fundado por Lacan para fins de transmissão da psicanálise no interior de sua Escola. Essa referência demonstra ser possível a realização de uma escuta em grupos que viabilize uma solução subjetiva como invenção particular, a partir do laço com outros.

Outro exemplo de escuta em grupo de orientação psicanalítica encontra-se em Chamorro (2006), ao citar o que Oscar Masotta lhe diz em correspondência privada: “trabalho com grupos, o que você pode reprovar, mas como dizia Sócrates, onde está a palavra o desejo circula, basta não intervir com a mangueira do bombeiro” (Chamorro, 2006, p. 1). Assim, acrescenta ele, a resposta analítica para os diferentes tipos de demandas não se acha presa a um dispositivo particular, a um tempo predeterminado de duração da sessão ou do tratamento, podendo ocasionalmente se viabilizar em uma única entrevista. Ele admite ser possível uma prática com grupos sem “abandonar os princípios nem os instrumentos que orientam um psicanalista” (Chamorro, 2006, p. 6).

### **Considerações finais**

As leituras feitas até aqui, mormente em Freud e Lacan, deixam a indicação de que os efeitos imaginários de sugestão e ilusão, inerentes à formação de grupos, configurariam, a princípio, um obstáculo ao trabalho analítico. De outra parte, o testemunho recente de analistas de orientação freudo-lacaniana, que têm desenvolvido intervenções em contexto de grupo, aponta para a possibilidade de invenção particular no contexto de uma escuta em pequenos grupos orientada analiticamente, consequência da formação do praticante.

Nesse sentido, resta a cada um discernir, em sua experiência na prática com grupos, como opera a orientação analítica, interrogando o que pode favorecer ou fazer obstáculo à circulação do desejo.

No que diz respeito à experiência com os professores do NEI-CAP/UFRN, ponto de partida para esse trabalho, a direção da escuta visava restituir o caminho da fala, fazer circular a palavra, buscando a implicação de cada um, de modo a promover questionamentos e abalar as significações cristalizadas. Na medida em que promoviam o engajamento subjetivo de cada um em relação à própria queixa, as intervenções contribuíram para oportunizar mudanças de posição subjetiva da parte de alguns professores.

Para concluir, sustentamos que a experiência de escuta em grupo realizada no NEI-CAP/UFRN operou de modo a preservar a singularidade, promovendo condições para que cada um dos professores trabalhasse na medida de seu próprio engajamento.

### Referências Bibliográficas

- Anzieu, D. (1993). *O grupo e o inconsciente: o imaginário grupal*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Baio, V. (1999, set.). O ato a partir de muitos. *Curinga*, 13, 55-62. Recuperado de [http://minascomlacan.com.br/wp-content/uploads/2015/02/edicao\\_13-pdf.pdf](http://minascomlacan.com.br/wp-content/uploads/2015/02/edicao_13-pdf.pdf).
- Barros, R. R. (2007). *Sobre grupos*. Recuperado de [http://ea.eol.org.ar/04/pt/template.asp?lecturas\\_online/textos/rego\\_barros\\_sobre.html](http://ea.eol.org.ar/04/pt/template.asp?lecturas_online/textos/rego_barros_sobre.html).
- Bastos, A. B. I. (2010, jan.). A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon. *Psicólogo em Formação*, 14(14), 160-169. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-88092010000100010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092010000100010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)
- Besset, V. L., Cohen, R. R. P., Coutinho, L. G. & Rubim, L. M. (2007, jun.). A psicanálise na cultura: novas formas de intervenção. *Psicologia em revista*, 13(1), 27-40. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682007000100003&lng=pt&nrm=i&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682007000100003&lng=pt&nrm=i&tlng=pt)
- Bion, W. R. (1975). *Experiências com grupos*. Rio de Janeiro: Imago.
- Castanho, P. (2012, jun.). Uma Introdução aos Grupos Operativos: Teoria e Técnica. *Vínculo*, 9(1), 47-60. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1806-24902012000100007&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1806-24902012000100007&script=sci_arttext).
- Chamorro, J. (2006, dez.). Os resultados terapêuticos da psicanálise: novas formas da transferência "nós que nos amamos tanto...". *Latusa Digital*, 26, 1-6. Recuperado de [http://www.latusa.com.br/pdf\\_latusa\\_digital\\_26\\_a1primeiro.pdf](http://www.latusa.com.br/pdf_latusa_digital_26_a1primeiro.pdf)
- Coutinho, L. G. & Rocha, A. P. R. (2007, dez.). Grupos de reflexão com adolescentes: elementos para uma escuta psicanalítica na escola. *Psicologia clínica*, 19(2), 71-85. Recuperado de

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652007000200006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652007000200006&lng=pt&nrm=iso)

- Emilio, S. A. (2010). O grupo psicanalítico de discussão como dispositivo de aprendizagem e compartilhamento. *Vínculo*, 2(2), 35-43. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-24902010000200008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902010000200008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)
- Fernandes, R. C. O. S. (2008). *A transferência na instituição*. (Dissertação de mestrado não publicada). Retirado do Banco de Teses da CAPES.
- Franco, E. M. & Volpe, A. J. (2011). Sentidos para a formação em um grupo de reflexão. *Psicol. Ensino & Form.*, 2(1), 33-42. Recuperado de [www.pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2177-20612011000100004&lng=pt&nrm=iso](http://www.pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-20612011000100004&lng=pt&nrm=iso)
- Freud, S. (2001). Psicología de las masas y análisis del yo. *Sigmund Freud Obras Completas* (Vol. 18, pp. 63-136). Buenos Aires: Amorrortu (Trabalho original publicado em 1921).
- Freud, S. (2001). El malestar en la cultura. *Sigmund Freud Obras Completas* (Vol. 21, pp.57-140). Buenos Aires: Amorrortu (Trabalho original publicado em 1930).
- Holck, A. L. L. & Vieira, M. A. (Orgs.) (2008). *Psicanálise na Favela – projeto DigaíMaré: a clínica dos grupos*. Rio de Janeiro: Associação Digaí-Maré.
- Kaës, R. (1997). *O grupo e o sujeito do grupo: elementos para uma teoria psicanalítica do grupo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lacan, J. (2003). A psiquiatria inglesa e a guerra. *Outros Escritos* (pp. 106-126). Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1947).
- Lacan, J. (2003). Ato de fundação. *Outros Escritos* (pp. 235-247). Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacan, J. (2003). O aturdido. *Outros Escritos* (pp. 448-497). Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1973).
- Lacet, C. C. (2004). A Escrita na clínica das psicoses. (Dissertação de mestrado não publicada). Retirado do Banco de Teses da CAPES.
- Mantovani, A. (2006, dez.). A guerra e os grupos: um encontro entre Bion e Lacan. *Revista da SPAGESP*, 2(2), 23-29. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-29702006000200005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702006000200005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)
- Medeiros, I. S. (2003). No caminho há o sujeito... há o sujeito no caminho: o dito que revela e oculta a prática dos psicólogos psicanalistas lacanianos em centros de saúde de Natal/RN. (Dissertação de mestrado não publicada). Retirado do Banco de Teses da CAPES.
- Oliveira, B. S. A. de (2000). *Instituição e Psicanálise da Impotência à Impossibilidade* (Dissertação de mestrado não publicada). Retirado do Banco de Teses da CAPES.

- Pereira, T. T. S. O. (2013). Pichon-Rivière, a dialética e os grupos operativos: implicações para pesquisa e intervenção. *Revista da SPAGESP*, 14(1), 21-29. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-29702013000100004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702013000100004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)
- Pessoa, S. S. (2008). *Reflexões sobre grupos e um estudo de caso utilizando o dispositivo do cartel*. (Dissertação de mestrado não publicada). Retirado do Banco de Teses da CAPES.
- Reis, A.& Vieira, M. A. (2011). *Limites na psicanálise extramuros*. Recuperado de [http://www.litura.com.br/artigo\\_repositorio/limites\\_e\\_o\\_digai\\_pdf\\_1.pdf](http://www.litura.com.br/artigo_repositorio/limites_e_o_digai_pdf_1.pdf)
- Ribeiro, J. M. L. C. (2005). *A criança autista em trabalho*. Rio de Janeiro: SetteLetras.
- Veiga, R. H. (2005). *Diagnóstico da cultura da comunidade: uma compreensão teórico-metodológica na realização de um trabalho com grupo*. (Dissertação de mestrado não publicada). Retirado do Banco de Teses da CAPES.

**Citação/Citation:** Holanda, S. A. R. et al. (nov. 2014 a abr. 2015). Premissas e princípios norteadores das práticas com grupos no campo da psicanálise: uma revisão da literatura. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 10(19), 122-136. Disponível em [www.isepol.com/asephallus](http://www.isepol.com/asephallus). doi: 10.17852/1809-709x.2019v10n19p122-136

**Editor do artigo:** Tania Coelho dos Santos.

**Recebido/Received:** 14/08/2015 / 08/14/2015.

**Aceito/Accepted:** 20/08/2015 / 08/20/2015.

**Copyright:** © 2013 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.